



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v19.i1.8661420>

Artigo Original

## As três semióticas e a Educação Física como linguagem

*The three semiotics and Physical Education as language*

*Las tres semióticas y la Educación Física como lenguaje*

Mauro Betti<sup>1</sup> 

### RESUMO

**Objetivo:** Apresentar as contribuições da Semiótica para a Educação Física escolar. **Método:** Para tal, sintetiza os fundamentos das três correntes desta ciência da linguagem (estruturalismo, semiótica da cultura, pansemiótica). **Resultados e conclusões:** A partir delas indica possíveis inferências, relações e repercussões para a Educação Física Escolar, entendida como prática de linguagem e como comunicação.

**Palavras-chave:** Semiótica. Linguagem. Comunicação. Educação física escolar.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências de Bauru, Departamento de Educação Física, Bauru - SP, Brasil.

#### Correspondencia:

Mauro Betti. FC/UNESP. Av. Eng. Luiz E. Carrijo Coube, 14-01, Vargem Limpa, CEP 17033-360, Bauru - SP. Email: [maurobettionline@gmail.com](mailto:maurobettionline@gmail.com)



## ABSTRACT

**Objective:** To present contributions from Semiotics to School Physical Education. **Method:** To this end, it synthesizes the foundations of the three currents of this science of language (structuralism, semiotics of culture, pansemiotics). **Results and conclusions:** Finally, from these currents, indicates possible inferences, relationships and repercussions for School Physical Education, understood as a practice of language and communication.

**Keywords:** Semiotics. Language. Communication. School physical education.

## RESUMEN

**Objetivo:** Es presentar contribuciones de Semiótica a Educación Física escolar. **Método:** Para ello, sintetiza los fundamentos de las tres corrientes de esta ciencia del lenguaje (estruturalismo, semiótica cultural, pansemiótica). **Resultados y conclusiones:** y a partir de ellas señala posibles inferencias, relaciones y repercusiones para la Educación Física Escolar, entendida como práctica del lenguaje y como comunicación.

**Palabras Clave:** Semiótica. Lenguaje. Comunicación. Educación física escolar.

## INTRODUÇÃO

Embora a palavra constitua para o homem um importante traço formador de sua própria essência, seria prejudicar profundamente a compreensão do pensamento submetê-lo apenas a uma de suas muitas especiais manifestações. (SILVEIRA, 1997, p. 92).

Muito se tem falado recentemente da Educação Física (EF) escolar "como" linguagem, mas ela é "produto" da linguagem, tal como a Geografia ou a Biologia como matérias escolares ou campos científicos. A EF é um ente cultural (CARMO JUNIOR, 1998), como tantos outros entes culturais, fruto da sedimentação da linguagem em códigos<sup>2</sup> socialmente compartilhados, ou seja, códigos culturais. E a cultura é dinâmica, sujeita a processos sócio-históricos.

Caberia porém falar do "corpo em movimento" como linguagem, que seria o fenômeno primeiro (que alguns denominam "linguagem corporal"), a partir da qual a EF – como matéria escolar, ou como campo de conhecimento mais amplo, ou como profissão – constrói e reconstrói suas codificações culturais. Então, se a EF como componente curricular vier a desaparecer das escolas, ou se os cursos de graduação e Departamentos de EF forem extintos nas universidades, ou se eventualmente a profissão tornar-se desnecessária, as pessoas continuarão a dançar, a nadar, a lutar judô, a jogar futebol, a correr pelas ruas e parques...

A linguagem é o objeto de estudo da semiótica. Mas é muito difícil definir o que é linguagem. Como asseveram os autores do respeitado "Dicionário de Semiótica", Greimas e Courtés (1983, p. 259), a linguagem não é objeto definível em si, "mas apenas em função dos métodos e procedimentos que permitem sua análise e/ou construção", e, portanto, "qualquer tentativa de definição da linguagem (como faculdade humana, como função social, como meio de comunicação etc.) reflete uma atitude teórica que ordena a seu modo o conjunto de 'fatos semióticos'".

Então, o entendimento de linguagem aqui presente estará condicionado pelo meu próprio foco, vinculado a uma abordagem pedagógica da EF. E para esse propósito importa, introdutoriamente, distinguir "linguagem" de "língua", confusão muito presente nos discursos pedagógicos. Resumindo: toda língua é uma linguagem, mas nem toda linguagem é língua.

## SEMIÓTICA: A CIÊNCIA DA LINGUAGEM

A linguagem é o objeto de estudo da Semiótica, campo de conhecimento que investiga todas as linguagens possíveis, que estuda os modos como os

---

<sup>2</sup> Mais adiante trataremos da noção de "código".

fenômenos produzem significados (SANTAELLA, 1983). Ou ainda, conforme Gomes-da-Silva; Betti; Gomes-da-Silva (2014, p. 603) a Semiótica "estuda a vida dos signos, o modo como se organizam para significar, qualquer que seja o campo em que se manifestem".

A palavra "signo" tem origem no grego *semeîon* e no latim *signum*, com as acepções de "marca", "sinal" (NÖTH, 1995). "Signo" está relacionado a significação, informação, mediação e interação; os signos interconectam dinamicamente estados do mundo, desenvolvem-se num processo contínuo de significar (GOMES-DA-SILVA; BETTI; GOMES-DA-SILVA, 2014). Assim, o calçado esportivo da moda, uma prancha de surfe, um passo de dança ou um drible no futebol são todos signos.

A Semiótica apresenta-se em três grandes correntes ou tradições: (i) estruturalismo; (ii) semiótica da cultura ou semiótica russa; e (iii) semiótica peirceana ou lógica geral dos signos (ou, ainda, pansemiótica). É sobre elas que discorrei a seguir, de modo sintético.

## **ESTRUTURALISMO**

O estruturalismo tem como principais autores de base: Ferdinand de Saussure (1857–1913), Louis Hjelmslev (1889–1965) e Roman Jakobson (1896–1982). Analisa os fenômenos sociais tomando os sistemas linguísticos (quer dizer, as línguas) como ponto de partida.

Saussure (1977) propôs o estudo da língua como uma estrutura binária, de oposições – imagem acústica (significante) e conceito (significado), sincronia e diacronia, língua e fala etc. – que seria também a estrutura de outros sistemas culturais. A esse campo mais amplo denominou "Semiologia", no qual a linguística teria papel proeminente.

Como estruturalistas que também são, Greimas e Courtés (1983, p. 259) apontam a bipolaridade presente no conjunto das linguagens: elas são "biplanas", quer dizer "o modo pelo qual elas se manifestam não se confunde com o manifestado: a língua falada é feita de sons, mas seu propósito não é falar de sons". Além disso - prosseguem os autores - toda linguagem é articulada em termos de diferenças e oposições. Saussure (1977, p. 24) refere-se à língua como "sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos", elegendo o signo linguístico como signo ideal.

Para Greimas e Courtés (1983), pelas suas características de articulação (organização de unidades distintas e combináveis), debreagem (a qual permite ao ser humano falar de outra coisa que não seja dele próprio) e regras flexíveis, as línguas possuem imensas possibilidades de formação de signos e construção

de discursos de grande extensão, do que resultaria sua superioridade. Por isso, “todas as outras semióticas<sup>3</sup> podem ser traduzidas, bem ou mal, em língua natural, enquanto o contrário não é verdadeiro”; e mais, as línguas podem “servir de base, tanto por seu significante quanto por seu significado, à construção de outras semióticas (como as linguagens artificiais<sup>4</sup>)” (GREIMÁS; COURTÉS, 1983, p. 258).

Na mesma direção, para Benveniste (1989, p. 61), outro importante autor estruturalista, a língua é o sistema interpretante de todos os sistemas não-linguísticos, e uma semiologia do som, da cor e da imagem não poderia exprimir-se por meio do som, da cor e da imagem, pois só poderia existir “pela e na semiologia da língua”.

Assim, segundo Nöth (1996), o estruturalismo patrocinado por Saussure, além de fundar a linguística moderna, ao propor a também a análise de sistemas não-verbais, influenciou decisivamente as ciências humanas. Lembro aqui alguns casos: a antropologia estrutural de Lévi-Strauss (mitemas ou pares de oposição binária); a história das ideias de Foucault (por exemplo, enunciado e enunciação); a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (por exemplo, fala falada e fala falante).

Já para Jakobson (1969) o objeto de estudo da semiótica é a comunicação, que tem a seguinte dinâmica: o remetente envia uma mensagem ao destinatário, mas esta requer um contexto a que se refere, um código comum e um contato que capacite a ambos entrarem e permanecerem em comunicação.

Por sua vez, Hjelmslev (1975) aprofundou o modelo estruturalista, ao estudar a linguagem como uma estrutura autônoma, independente das determinações histórico-culturais, decompondo-a em dois planos (expressão e conteúdo) e em dois estratos (forma e substância), os quais se relacionam em ordenações e hierarquizações, gerando denotações e conotações (GOMES-DA-SILVA; BETTI; GOMES-DA-SILVA, 2014). E há ainda a metasemiótica, a linguagem falando sobre a linguagem, como uma gramática.

Como se vê, o estruturalismo vai sempre raciocinar em termos de binarismos, de oposições.

## **SEMIÓTICA DA CULTURA OU SEMIÓTICA RUSSA**

Fortemente influenciada pelo estruturalismo, a semiótica da cultura ou

---

<sup>3</sup> Quer dizer, semióticas especializadas, linguagens artificiais.

<sup>4</sup> Aqui, “natural” opõe-se a “artificial”; se a língua é linguagem natural; a música ou o código morse seriam linguagens artificiais.

semiótica russa<sup>5</sup> não desenvolveu uma teoria unificada, já que se valeu de diferentes fundamentos, bem como abordou ampla gama de temas (literatura, cinema, folclore, religião, psicologia da percepção, jogos, história, mitologia, dentre outros), todos tratados como forma de comunicação, como linguagem ou sistemas de signos (KIRCHOF, 2010). Seu autor mais expressivo é Iury Lotman (1922-1993).

Segundo Kirchof (2010)<sup>6</sup>, Lotman orientou-se pela busca de analogias entre a língua natural e outros sistemas de signos - como o mito e a arte - e pelo entendimento da cultura como "sistema de sistemas", o que denominou "semiosfera" (mundo em que funcionam os sistemas semióticos, responsáveis pela comunicação), por oposição à "biosfera" (mundo da natureza ainda não organizada com base em qualquer código ou sistema semiótico). A cultura, sendo o lugar da semiosfera, subdivide-se em diferentes linguagens e cria assim subsemiosferas, as quais adquirem identidade própria por força da maneira específica como organizam a informação.

Lotman considerava possível o estudo semiótico de toda a cultura, desde que tratada como informação, o que permitiria "examinar tanto etapas isoladas da cultura como todo o conjunto de fatos histórico-culturais na qualidade de uma espécie de texto aberto, e aplicar em seu estudo métodos gerais da Semiótica e da Linguística estrutural" (LOTMAN *apud* KIRCHOF, 2010, p. 65). Para Kirchof (2010) percebe-se aí a clara influência dos conceitos saussurianos de sincronia (etapas isoladas da cultura) e diacronia (o conjunto de fatos histórico-culturais).

Discorre Kirchof (2010, p. 65) que Lotman também propôs a abordagem semiótica da cultura a partir de outros dois conceitos saussurianos, a fala e a língua (respectivamente mensagem e código, na terminologia de Jakobson): "a realidade empírica de uma dada cultura (um texto cultural específico) corresponde, nessa perspectiva, ao nível da fala/mensagem, ao passo que o sistema de uma cultura, teoricamente reconstruído, corresponde ao nível da língua/código".

Uma especificidade da semiótica russa, portanto, é a abordagem das manifestações culturais em analogia com fenômenos linguísticos: "A cultura edifica-se sobre a língua natural e sua relação com ela constitui um de seus parâmetros essenciais" (LOTMAN *apud* KIRCHOF, 2010, p. 65).

Todavia – adverte Kirchof (2010, p. 64) – Lotman não propunha que os textos/sistemas culturais deveriam ser estudados de forma abstrata, "fora do tempo

---

<sup>5</sup> A adjetivação "russa" deve-se ao fato de que Y. Lotman, doutor em filologia e professor na Universidade de Tartu, na Estônia (ex-república da antiga União Soviética), tornou-se líder de um grupo de semioticistas russos que para lá migraram devido à perseguição do regime stalinista (KIRCHOF, 2010).

<sup>6</sup> Vou me valer neste tópico do artigo de E. R. Kirchof, pois apresenta, com razoável profundidade, um amplo panorama da obra de Lotman, contextualizando-a nas contribuições mais gerais da semiótica russa.

e do espaço em que surgem e são atuantes, pois todo sistema é dinâmico e pode variar de contexto para contexto". Por isso, ao contrário do estruturalismo saussuriano, Lotman também propôs o estudo diacrônico e o estudo de elementos extratextuais, pois permitiriam chegar "a uma hierarquia de códigos historicamente formada, elucidando problemas relativos à *autoconsciência social*, à *organização das coletividades* e à *auto-organização da personalidade*" (KIRCHOF, 2010, p. 65).

Na apreensão de Gomes-da-Silva, Betti e Gomes-da-Silva (2014), a semiótica da cultura relacionou os sistemas semióticos ao seu contexto comunicativo e estético (por exemplo, no signo artístico está a significação da consciência coletiva); portanto, a função sígnica não se esgotaria na comunicação, mas seria autorreferente de seu contexto total.

A maior ambição de Lotman foi, pois, construir uma tipologia da cultura, "um único sistema das características tipológicas dos principais códigos culturais e das propriedades universais da estrutura geral da 'cultura da humanidade'" (KIRCHOF, 2010, p. 65). Em outros termos, para essa corrente, a consciência humana é linguística e/ou semiótica e conseqüentemente, "todos os aspectos dos modelos sobrepostos à consciência [...] podem ser definidos como sistemas modalizadores secundários" (LOTMAN *apud* KIRCHOF, 2010. p. 65).

A modalização consiste no processo de conferir à informação um caráter, uma forma ou um modelo específico, derivado do código por meio do qual é veiculada. Assim, para Lotman (*apud* KIRCHOF, 2010, p. 66), cada código específico cumpre duas funções simultâneas e interligadas: (i) comunicação: transmite informações ou mensagens; e (ii) modalização: fornece os contornos gerais de um determinado modelo do mundo.

Lotman diferencia dois tipos de sistemas de modalização: primários e secundários. Os sistemas modalizantes primários correspondem às línguas naturais; os secundários (como as artes e a religião) têm como base a língua natural, mas recebem, posteriormente, "uma estrutura complementar, secundária, de tipo ideológico, ético, artístico ou de qualquer outro tipo" (LOTMAN *apud* KIRCHOF, 2010, p. 86).

Por exemplo – prossegue Kirchof (2010) – no texto científico o mundo se apresenta de forma extremamente abstrata, como interpretação de leis gerais, e institui uma semântica monossêmica, ou seja, apenas um significado deve ser apreendido pelo receptor como correto, e essa é qualidade que lhe confere valor. Por sua vez, o texto artístico é polissêmico, nele ocorre a "recepção simultânea com mais de uma significação" (LOTMAN *apud* KIRCHOF, 2010, p. 67).

Em conclusão, no entendimento de Kirchoff (201) a corrente semiótica liderada por Yuri Lotman tem inspirado variados estudos nos campos da linguagem e da cultura. Conforme esclarece Kristeva (*apud* KIRCHOF, 2010, p. 71), a semiótica

rusa questionou vários conceitos do estruturalismo mais ortodoxo e dogmático, "que via o texto como nada mais do que um jogo de elementos linguísticos dentro de uma estrutura fechada". Ou seja:

Lotman desloca o eixo textual em direção à sua periferia, na medida em que, além de considerar as relações internas da estrutura, analisadas sob o nível sintagmático, também preconiza relações paradigmáticas, e mesmo extratextuais, provindas da história, do tecido social e, mais tardiamente, de algumas relações com a biosfera. (KIRCHOF, 2010, p. 71).

Então, a estrutura sincrônica do texto, para Lotman, é resultado de uma confrontação com outros textos, provenientes de várias instâncias sociais, construído cada um deles a partir de outras linguagens e códigos. A concepção de Lotman reforça a ideia já apregoada por Mikhail Bakhtin em seu conceito da "intertextualidade" – de que o texto gera o seu sentido apenas à medida que se insere no diálogo cultural (KRISTEVA *apud* KIRCHOF, 2010).

## **A SEMIÓTICA PEIRCEANA**

A terceira corrente parte da lógica num projeto de englobar todas as ciências. Compreende o universo físico, metafísico, psíquico ou social como processo de semiose, ou seja, signos interconectando-se a outros signos, por uma mente humana ou não-humana, numa cadeia interminável de significações. Seu autor de base é Charles Sanders Peirce (1839-1914).

Peirce (1972, 1974, 1990) arquitetou um complexo sistema filosófico. Na avaliação de Silveira (1997, p. 88), Peirce fundou "uma ciência que a partir da observação atenta de toda e qualquer experiência, fornecesse noções capazes de descrevê-las e ordená-las". Seu ponto de partida foi a elaboração, ao modo da fenomenologia<sup>7</sup>, das categorias de toda experiência possível (o que, observo eu, inclui também as experiências corporais): primeiridade (possibilidade, acaso, imprevisto), secundidade (confronto, alteridade, ação e reação, aqui-e-agora) e terceiridade (generalização, síntese, abstração, conduta futura).

Mas não se trata de etapismo, nem de categorias estanques, pois há trânsito entre elas. Também não se trata de rotular ou classificar a cada momento as nossas experiências. Essa é a base da sua "lógica geral dos signos" que permitirá a representação dos fenômenos nos diversos domínios do real (incluindo a ideação e a imaginação) pela mediação dos signos, contemplando as dimensões estética, ética e lógica.

---

<sup>7</sup> Que Peirce denomina "faneroscopia", de grego *phaneron*, aparência, manifestação (ROMANINI, 2016).

Peirce (1974, 1990) compreende o signo como uma dinâmica de três elementos: *representamen*, objeto e interpretante. O *representamen* (que já é em si um signo) é qualquer coisa que sugere a existência de um fato, condição ou qualidade, que representa algo (objeto), de algum modo, para alguém (uma "mente" interpretante). Santaella (2004) apresenta uma definição que nos facilita o entendimento sobre a dinâmica do signo em Peirce:

O signo é qualquer coisa de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, um museu, uma pessoa, uma mancha de tinta, um vídeo etc.) que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo. (SANTAELLA, 2004, p. 8)

O interpretante (que é uma função, não um "sujeito") é mediação, tanto ao traduzir um signo em seu objeto quanto ao representar e criar um signo mais desenvolvido, deflagrando outras relações de significação, ou seja, o processo de semiose. Em outro modo de explicação, para Merrel (2012) o signo interconecta estados do mundo. Representação, mediação e interconexão são as funções do signo.

Conhecer o mundo e a si mesmo é produção de semiose, já que o significado de um signo é sempre outro signo, num fluxo incessante de pensamentos *ad infinitum*, abrindo assim possibilidades criativas. Então, uma imagem pode levar a um sentimento, um sentimento a um gesto, um gesto a um poema... e assim por diante (GOMES-DA-SILV,; SANT'AGOSTINO; BETTI, 2005). Para Pignatari (1979), é a semiótica peirceana que possibilita estabelecer ligações entre sistemas de signos diversos, e permite conectar o verbal com o não-verbal.

Na semiose, entende Romanini (2016, p. 13-14) "os símbolos se mantêm falíveis e em contínua transformação porque essa é sua natureza: crescer e se desenvolver num universo inteligível e repleto de sentido". Todavia, é importante destacar que apenas em poucos casos o signo consegue representar todas as possibilidades de significação do objeto; as significações, num dado momento, são sempre parciais.

Ademais, a semiótica peirceana, para além de antropológica, é cosmológica, quer dizer, o Universo é tomado como potencial produtor de informações. Nessa tradição pansemiótica, o horizonte de investigação científica abrange tanto a esfera cultural quanto a esfera da natureza. Quer dizer, a relação interpretante pode tanto se dar por um agente humano, como não-humano.

Compreendi essa pansemioticidade observando, na praia do Campeche (Florianópolis-SC), pescadores artesanais que usavam pequenos barcos, bem como surfistas. A olhos nus, os pescadores sabiam localizar os cardumes de peixes, e os surfistas os trechos do mar em que as ondas lhes seriam favoráveis. Eles viam algo

que me era imperceptível: talvez alterações na ondulação das águas, sombras, ventos, direção das ondas.

Ora, se existe uma “linguagem do mar”, é preciso saber decodificá-la. Como já vimos na semiótica peirceana, é preciso uma relação interpretante para que a função do signo (a semiose) se complete. Os pescadores e surfistas do Campeche aprenderam a fazê-lo, compartilham códigos elaborados ao longo de décadas (talvez séculos no caso dos pescadores), o que lhes permitem extrair do ambiente informações úteis aos seus propósitos, aos seus modos de vida.

Nos meandros dessa dinâmica semiótica, Peirce (1990) identificou três tricotomias de signos, resultantes do entrecruzamento entre as categorias da experiência (primeiridade, secundidade e terceiridade) e os elementos do signo (*representamen*, objeto e interpretante)<sup>8</sup>, estruturando três modos de relação com o mundo (sentir-agir-pensar), conectados respectivamente às dimensões da estética, ética e lógica.

Romanini (2016) sintetizou os três focos da Semiótica peirceana: (i) desvendar e classificar as tipologias dos signos; (ii) estudar a possibilidade de um signo representar verdadeiramente seu objeto; e (iii) estudar os efeitos do signo sobre seus intérpretes, e como a forma é transmitida do objeto ao interpretante, tendo o signo como veículo.

É a filosofia que dá sentido geral ao que a faneroscopia descobre, "analisando e comunicando os significados de forma que as descobertas tenham efeitos práticos concebíveis entre os intérpretes que compartilham esse conhecimento" (ROMANINI, 2016, p. 18) - ou seja, o pragmatismo ou pragmaticismo. Daí a máxima pragmaticista: "Considerar os efeitos práticos que possamos imaginar como produzidos pelo objeto de nossa concepção. A concepção desses efeitos é a concepção total do objeto" (PEIRCE, 1974, p. 11). Por "prático" Peirce quer dizer "apto a afetar a conduta" (*apud* IBRI, 1992, p. 98). E por conduta entende a "ação voluntária que é autocontrolada, ou seja, controlada por deliberação adequada" (*apud* IBRI, 1992, p. 98).

Portanto, conforme entende Romanini (2016, p. 14), "com base em uma teoria social do conhecimento", na semiótica peirceana "a estética fundamenta a ética, e estas fornecem a base para a lógica – compreendida agora como uma teoria geral da comunicação", visto que a semiose é vista como *comunicação orientada para um*

---

<sup>8</sup> Em relação ao *representamen*: quali-signo (primeiridade, mera qualidade), sin-signo (secundidade, existente concreto) e legi-signo (terceiridade, lei geral). Em relação ao objeto: ícone (tem algum caráter em si mesmo), índice (tem alguma qualidade em comum com o objeto) e símbolo (relação com o interpretante). Em relação ao interpretante: rema (possibilidade), dicente (fato) e argumento (razão). Em resumo, as tricotomias dos signos são: 1a) signo como mera qualidade (não corporificado), existente concreto ou lei geral; 2a) signo que pode ter algum caráter em si mesmo ou uma relação com o interpretante; 3a) signo de possibilidade, de fato ou de razão (PEIRCE, 1990, p. 51-55)

*propósito* ou causa final" (ROMANINI, 2016, p. 19).

O quadro a seguir apresenta algumas "palavras-chaves" das correntes semióticas aqui abordadas, bem como seus principais e respectivos autores.

Quadro 1 – Categorias teóricas e autores das correntes semióticas

<b>CORRENTE</b>	<b>CATEGORIAS TEÓRICAS PRINCIPAIS</b>	<b>AUTORES DE BASE</b>
<b>Estruturalismo</b>	. Língua . Binarismo	Ferdinand de Saussure
<b>Semiótica da cultura</b>	. Língua . Semiosfera . Modalização . Intertextualidade	Yuri Lotman
<b>Semiótica peirceana</b>	. Experiência . Linguagem . Semiose . Pragmaticismo	Charles S. Peirce

## **PRIMEIRAS ANALOGIAS E INFERÊNCIAS**

É preciso reconhecer a impossibilidade de transferir automaticamente teorias e conceitos do campo semiótico para o campo pedagógico. Uma proposição semiótica para a EF Escolar deverá necessariamente se fazer inicialmente por analogias e inferências lógicas; depois, por estudos empíricos<sup>9</sup>.

Assim, por analogia à classificação da linguagem em duas categorias básicas, tal como proposto pelo estruturalismo de Greimas e Courtés (1983), diríamos que o corpo em movimento é uma complexa linguagem natural, e a EF uma linguagem artificial, constituída por signos codificados. À título de exemplo, veja-se que a Dança (como arte), construiu sua própria linguagem artificial (ou linguagem particular), a qual difere da EF. Do mesmo modo, em analogia à semiótica da cultura, o corpo em movimento seria o "sistema modalizante primário", e a EF como área de conhecimento, o "sistema modalizante secundário". Ou ainda, nos termos da pansemiótica peirceana, o corpo em movimento seria o campo das experiências de primeiridade (possibilidade, acaso, imprevisto) e secundidade (confronto, alteridade, ação e reação), e a EF como campo de conhecimento seria o campo da terceiridade (generalização, síntese, abstração).

E como já foi dito, é muito difícil definir o que linguagem, porque se estaria condicionado por atitude teórica prévia. Para escapar a essa relativização Greimas e Courtés (1983) sugerem o uso da expressão "conjunto significante",

<sup>9</sup> Não desconhecemos que já existem estudos semióticos de cunho empírico na literatura brasileira em Educação Física; todavia, não é possível apresentá-los exaustivamente aqui.

ao invés de linguagem. Eu, particularmente prefiro o termo "signagem", cunhado por Pignatari (1984), a partir da semiótica de Charles S. Peirce, porque melhor reflete as quase infinitas possibilidades de articulação dos signos, o que leva a constituir diferentes sistemas, os quais podem hibridar-se no processo de semiose.

Simpatizo então com o entendimento inferido por Gomes-da-Silva, Betti e Gomes-da-Silva (2014, p. 606): linguagem é a "potencialidade que os diversos sistemas de signos, uma vez organizados, dispõem para produzir informações". Portanto a linguagem "não é um produto acabado, mas um permanente processo de produções sígnicas" (BETTI, 2007, p. 11).

O que diferencia os humanos é que esta capacidade se potencializa na produção de significações que se sedimentam como cultura (CHAUÍ, 2000); tornam-se, portanto, códigos culturais, tal como nos exemplos das subculturas dos pescadores e a dos surfistas. Tal entendimento põe em relevo o caráter comunicativo da linguagem e da cultura. A cultura "funciona" como cultura porque é comunicativa, e a linguagem pode melhor cumprir uma função comunicativa quando potencializada pelos códigos culturais, os quais são, pelo óbvio, compartilhados socialmente. É oportuno agora distinguir "código" de "linguagem".

Se a linguagem é processo, o código é produto da linguagem, e busca garantir maior eficácia na comunicação. Assim, conforme Gomes-da-Silva, Sant'Agostino e Betti (2005), um código: (i) convencionam certas relações entre os signos e seus significados, em um dado âmbito sociocultural; (ii) estabelece relações distintivas entre os signos válidos e não válidos, bem como as regras de articulação entre eles; e (iii) limita as possibilidades de escolhas entre alternativas interpretativas, as quais passam a ser controladas pelo código.

Gomes-da-Silva, Sant'Agostino e Betti (2005) exemplificam com o código da ginástica artística, que convencionam os signos (gestos) válidos no seu âmbito, e as regras de combinação entre eles. Quando um ginasta cria gesto, este deve atender aos critérios do código já institucionalizado. Assim, os esportes, as ginásticas, as lutas e as danças são, num dado tempo/espaço histórico, codificações culturais das inúmeras possibilidades do corpo em movimento.

Mas não necessariamente há obstrução do processo criativo das semioses; por isso fica sempre em aberto a emergência do novo, do inusitado, do inesperado. Daí nossa simpatia pela expressão "movimento expressivo" (GOMES-DA-SILVA, 2010, 2012), porque remete às possibilidades do movimento como operação expressiva, aos mistérios da criação que se rebela contra as regras dos códigos predeterminados.

## OS RISCOS DA SEMIÓTICA ESTRUTURALISTA

Se influenciou todas as ciências humanas, é inevitável que o estruturalismo saussuriano também chegasse à EF, o que aconteceu notadamente por meio do francês Pierre Parlebas (PARLEBAS, 2001), autor que exerceu e exerce ainda grande influência em alguns círculos da EF brasileira. E por fim, chegou à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento oficial que orienta os currículos escolares em todo país (BRASIL, 2018).

A praxiologia motriz de Parlebas toma os jogos esportivos como pré-orientados por uma lógica interna, inscrita em sistemas de ação e de interação; o objetivo é reconstruir os modelos em comum neles presentes, os quais manifestam o funcionamento ludomotor (GOMES-DA-SILVA; BETTI; GOMES-DA-SILVA, 2014). Um bom exemplo de estudo empírico que se vale dessa perspectiva pode ser encontrado em Gomes-da-Silva, Sousa Cruz e Arruda (2019).

Relembro que para Saussure a língua é um sistema semiótico superior que serve de parâmetro para o estudo de outros sistemas de signos, o que se reflete na assertiva de Greimas e Courtés (1983, p. 258): "todas as outras semióticas podem ser traduzidas, bem ou mal, em língua natural, enquanto o contrário não é verdadeiro". Ou seja, o corpo em movimento poderia ser traduzido em palavras, mas as palavras não poderiam ser traduzidas pelo corpo em movimento, exceto pagando o preço de uma larga margem interpretativa.

Já em Betti (1994) alertava que, em última instância, na questão teoria/prática parecia residir o problema da linguagem, o qual, embora sempre implícito nas teorizações da EF, nunca é explicitado claramente. E se, parafraseando Benveniste (1989, p. 61), a língua é o sistema interpretante dos sistemas não-linguísticos, uma semiologia do corpo em movimento não poderia exprimir-se por meio do próprio movimento, senão "pela e na semiologia da língua".

Greimas e Courtés (1983, p. 258) prosseguem considerando que tal "traduzibilidade" (ou tradução inter-semiótica, quer dizer, de um sistema de signos para outro) não deveria tornar-se pretexto para determinar que "somente há significados na medida em que são nomeáveis e verbalizáveis, pois tal premissa "reduziria as outras semióticas ao estado de derivados de línguas naturais e transformaria, por exemplo, a semiótica pictural em uma análise dos discursos efetuados sobre a pintura". Ou – acrescento eu – discursos sobre o corpo em movimento. Foi exatamente para isso que alertou Betti (1994, p. 41) há muitos anos atrás: a EF não deveria "transformar-se num discurso sobre a cultura corporal de movimento, mas numa ação pedagógica com ela".

Há risco de que uma leitura rasa da linguística saussuriana, a partir da

dicotomia significante/significado, possa ser danosa para a EF, direcionando-a para uma abordagem do tipo "o corpo fala", na qual cada gesto (que seria o significante) teria associação com um significado predeterminado. Por exemplo, tal postura ou gesto corporal significa necessariamente tal coisa. Ora, nem com as palavras, é assim, pois elas se prestam a muitas interpretações; basta consultar a ronda infundável dos dicionários para percebê-lo.

Entendem Greimás e Courtés (1983, p. 258) que o estruturalismo saussuriano, ao distinguir a língua da fala, excluiu o processo semiótico, porque separou "a definição formal auto-suficiente do objeto da linguística (a língua) das contingências individuais e concretas da fala. Embora – avaliam os mesmos autores – essa tenha sido contribuição muito importante, infelizmente induziu a aceitação de "uma concepção demasiadamente paradigmática da língua (que se reduz então a uma pura taxionomia)<sup>10</sup>".

Lembram ainda Greimas e Courtés (1983) que há também a metasemiótica: a linguagem falando sobre a linguagem, como uma gramática. É tentador pensar as possibilidades de combinação de movimentos do corpo humano como uma espécie de "gramática" tal qual a quase infinita possibilidade de combinações das palavras, que formam frases, frases que constroem discursos. Basta pensar nas possibilidades de movimento das ginásticas ou do método Pilates, com seus movimentos surpreendentes para a tradição da EF. Mas seria tal empreitada possível? E, se possível, não findaria por enquadrar o corpo em movimento em possibilidades predeterminadas, o que seria uma contradição do ponto de vista pedagógico?

## **AS AMBIÇÕES DA SEMIÓTICA DA CULTURA**

Como já citei anteriormente, a semiótica da cultura ou semiótica russa ambiciona construir uma única tipologia da cultura, em analogia aos fenômenos linguísticos, e nesse afã estudou vários campos: literatura, cinema, folclore, religião, mitologia, dentre outros. E um "sistema modalizante" muito estudado por esta corrente semiótica – e que é de interesse para a EF – é o jogo, cuja estrutura seria muito semelhante à da arte.

Tal como a obra artística, "o jogo também se baseia numa postura lúdica, opondo-se à seriedade da modelização imposta pela ciência" (KIRCHOF, 2010, p. 67). Ademais, o jogo possui uma característica pedagógica, na medida em que permite a aprendizagem de condutas específicas em um ambiente que não é vida real; e uma característica psicológica, na medida em que permite a possibilidade

---

<sup>10</sup> É exatamente o que vemos na BNCC - Educação Física do Ensino Fundamental (BRASIL, 2018), em dois aspectos que já tratei mais longamente em Betti (2018): (i) as classificações dos "objetos de conhecimento"; e (ii) o apagamento da experiência dos sujeitos (no caso, @s estudantes).

de uma vitória sobre adversidades ou sobre adversários (KIRCHOF, 2010). Em última análise, para Lotman (*apud* KIRCHOF, 2010, p. 67), a modalização realizada pela obra de arte "é uma espécie de síntese entre a seriedade (monoplanaridade) da ciência e a alegria (biplanaridade) do jogo".

Para Bystřina (1990), autor também situado nos quadros da semiótica da cultura, o jogo – ao lado dos sonhos, dos distúrbios psíquicos e das situações de transe e êxtase – é uma das origens e fontes da cultura, pois nele se pode identificar modelos estruturais invariáveis e universais. Para Baitello Junior (1999, p. 58), Bystřina aproxima o universo do "não-sério" (o jogo) com seu oposto, "demonstrando que o lúdico perpassa toda geração de códigos".

Na EF brasileira percebe-se a influência de uma abordagem ao modo da semiótica da cultura exatamente no estudo dos jogos, como em Gomes-da-Silva (2007), que analisou os jogos populares como narrativa estrutural ou semântica.

As ambições da semiótica russa poderiam, por exemplo, justificar a inserção da EF escolar na área de Linguagens, como se vê na BNCC, a qual elege a linguagem como a categoria que irá permitir a leitura das práticas corporais como "textos culturais" que evidenciam significações de pertencimento a grupos sociais<sup>11</sup>. Mas, ora, nessa perspectiva de viés social, também a Sociologia ou a Antropologia podem abordar seus objetos como "textos culturais"; sociólogos e antropólogos também precisam interpretar/decodificar os signos.

Também considero a possibilidade de que suas ambições possam ser traídas pela sua própria denominação. Ao nomear-se "da cultura", pode reforçar a dicotomia natureza *versus* cultura. De fato, para Lotman, a biosfera é o espaço "formado unicamente pela matéria viva, ao passo que a semiosfera abarca o universo da semiose, portanto, da linguagem e da comunicação", separando portanto "como entidades autônomas o mundo biológico e a vida cultural" (KIRCHOF, 2010, p. 58). Admito, porém, que talvez seja uma denúncia injusta, já que, mesmo que tardiamente, Lotman, conforme afirma Kirchof (2010) dedicou maior atenção à biosfera e suas conexões com a semiosfera.

## AS PROMESSAS DA SEMIÓTICA PEIRCEANA

Em primeiro lugar há a promessa, conforme já anunciaram Gomes-da-Silva, Sant'Agostino e Betti (2005), Betti (2007), Gomes-da-Silva, P. (2011) e Betti, Gomes da Silva e Gomes da Silva (2013), de que a semiótica de C.S. Peirce possa oferecer um referencial teórico-metodológico para avançar em relação à concepção de EF na qual imperam dicotomias e divisões: teoria *versus* prática;

---

<sup>11</sup> Chamo atenção para o fato de que tal entendimento aplica-se também às práticas corporais das casernas, ou às práticas esportivas "tecnicistas", ou ao *fitness*.

conceitual, atitudinal e procedimental; cognitivo, afetivo e motor; biológico *versus* cultural.

Porque a gota de suor que escorre do corpo de um atleta ou de um alun@ nas aulas de EF é signo, diz algo sobre nós tanto quanto as significações sociais de uma dada prática corporal, e elas se imbricam no fluxo das semioses. Não há, para a semiótica peirceana, hierarquia entre os sistemas de signos. Do ponto de vista educacional, da formação e desenvolvimento das crianças e jovens, a linguagem "verbal" não é mais importante do que a linguagem "corporal" (ou as "linguagens artísticas").

Segundo, conforme Gomes-da-Silva, Betti e Gomes-da-Silva (2014) a semiótica peirceana considera as práticas corporais em sua condição sígnica ampla e complexa, ou seja, em suas qualidades estéticas (primeiridade), singularidades éticas (secundidades) e generalidades lógicas (terceiridade), as quais se inter-relacionam. Portanto, transita entre as potenciais qualidades dos gestos em si, as dinâmicas contingentes dos processos de ensino e aprendizagem, e as lógicas generalizantes referidas às práticas corporais.

Terceiro, caracteriza as manifestações da EF em suas relações comunicativas, seja entre os sujeitos (professor@s e alun@s) já que tod@s são produtores e intérpretes de signos capazes de, no confronto de diferenças (alteridades), conduzir os processos de ensinar e aprender (GOMES DA SILVA, 2010); seja entre os sujeitos e o espaço/tempo/implementos; BETTI; GOMES-DA-SILVA, 2019).

A "experiência vívida" (GOMES DA SILVA, 2010) d@s estudantes no aqui-e-agora das aulas de EF, no confronto, na ação e reação (experiência de secundidade), deve ser o ponto de partida. Mas não é possível acessá-la diretamente, senão pela mediação dos signos, ou seja, trata-se de um processo comunicativo. Então, primeiro é preciso aprender a interpretar os signos (mas só posso interpretá-los se primeiro os perceber, atentar para eles) e a ver a si própri@ como um signo. E tudo é signo: os gestos, as imobilidades, as palavras, as expressões faciais, os gritos, os silêncios, o riso, o choro, entusiasmo, indiferença...

Por exemplo, em um jogo coletivo com bola, faço um passe para um companheiro que o coloca em posição livre de marcação para alcançar o alvo, fazer o gol, ou a cesta... O passe é signo, é comunicação. Ou tento driblar o adversário, tento enganá-lo insinuando um gesto, mas realizando outro; todavia ele decodifica minha "linguagem corporal" e me toma a bola... aí também há signo e comunicação! Por sua vez, passes, ataques, defesas, dribles, inserem-se num sistema de signos mais ou menos codificados que delimitam os gestos possíveis, dos quais se podem extrair lógicas, generalizações (esquemas táticos por exemplo) que são testados na experiência. Todavia, nunca fica eliminado o

imprevisto, o inusitado, o novo. E tudo isso tem uma história e condicionantes sociais. Aí está exemplificada a tal "prática da linguagem" da qual se fala atualmente.

Por fim, a "máxima pragmaticista" de C. S. Peirce ancora a necessária e possível coerência entre intencionalidades político-pedagógicas (objeto das nossas concepções) e as condutas didático-pedagógicas concretas (que buscam "efeitos práticos", ou seja, aprendizagens por parte d@s alun@s). Isso porque "prático" quer dizer "apto a afetar a conduta" (PEIRCE *apud* IBRI, 1992, p. 98), e "conduta" é "ação voluntária que é autocontrolada, ou seja, controlada por deliberação adequada" (PEIRCE *apud* IBRI, 1992, p. 98). Quer dizer, na condição de docentes, nossas intencionalidades devem nos levar a imaginar, a idear, a planejar condutas (ações voluntárias e controladas por deliberações conscientes) com elas coerentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se retomarmos a citação de Silveira (1997) na epígrafe deste artigo, fica explicitado que corpo em movimento também é pensamento. Lauro F. B. Silveira é um estudioso da semiótica peirceana, para a qual não há oposição entre pensamento e ação. Tal constitui um forte argumento para a legitimação da EF no currículo escolar. Se aceitamos a inserção da EF escolar na área de Linguagens, precisamos nos fundamentar na Semiótica, verdadeiramente a "ciência da linguagem".

Todavia, referir-se à "EF como linguagem" não é uma panaceia para nossas dificuldades. Afinal, tudo pode ser analisado como linguagem. Então, a velha e boa "intencionalidade político-pedagógica" entra em cena; continuam a valer as perguntas: Educação escolar para quê? EF para quê? Os discursos pedagógicos respondem diferentemente a essas perguntas, e buscam articular diferentes práticas, mas todos os discursos e práticas são passíveis de análise semiótica.

Parafraseando Ferrara (2002), se queremos entender a Educação Física como linguagem, é preciso ocupar-se mais dos signos e da sua dinâmica, e não apenas dos códigos da cultura, quando se tomam as práticas corporais como objetos de conhecimento já instituídos. Mas não se trata de optar por um viés OU outro; e sim um E outro.

Tratar a EF no campo da linguagem não é apenas analisar a lógica interna dos jogos e esportes como sistemas de signos (tendência estruturalista), nem apenas desvelar as significações já instituídas por certos grupos sociais (tendência socioantropológica que lembra vagamente a semiótica da cultura). Tarefas necessárias, mas que deixam à sombra o mais importante na educação escolar: as experiências de aprendizagem dos sujeitos (alun@s), suas "experiências vívidas" nas aulas. Ao mesmo tempo, compreender os "objetos de conhecimento"

da EF como sistemas de signos já codificados, mas também em constante (re)criação.

E embora uma abordagem semiótica da EF não seja uma pedagogia *stricto sensu*, dela é possível derivar princípios pedagógicos e condutas didático-pedagógicas a serem considerados nas situações de ensino e aprendizagem, como se vê em Gomes-da-Silva (2012) e Betti e Gomes-da-Silva (2019).

Enfim, é preciso compreender como operam os signos, a sua dinâmica de produção de significações. Aí então poderíamos dizer que a Semiótica começará a desdobrar-se em direção a uma pedagogia, que a EF escolar "como" linguagem poderá se concretizar e permitir avanços nos discursos em coerência com as condutas pedagógicas.

Há cerca de 25 anos, Betti (1994, p. 43) referiu-se à "pujança das forças intelectuais" que dirigem a Semiótica, "possibilidade, estranhamente por sinal, ainda não cogitada pelas teorias da Educação Física". Pois bem, chegou o tempo. O desenrolar das problematizações teórico-metodológicas do campo desde então nos impõe a direção dos estudos semióticos.

## NOTAS

### CONFLITOS DE INTERESSE

O autor não tem conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

### AUTORIA E COAUTORIA

A autoria é responsável pelos conteúdos do texto.

## REFERÊNCIAS

BAITELLO JUNIOR, Norval. *O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, 1999.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Campinas: Pontes, 1989.

BETTI, Mauro. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. *Discorpo*, São Paulo, n. 3, p. 25-45, 1994.

BETTI, Mauro. Educação física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 18, n. 2, p. 207-217, dez., 2007. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3277/2343>. Acesso em: 25 ago. 2020.

BETTI, Mauro. A versão final da Base Nacional Comum Curricular da educação física (ensino fundamental): menos virtudes, os mesmos defeitos. *Revista Brasileira de Educação Física Escolar*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 156-175, 2018.

BETTI, Mauro; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando; GOMES-DA-SILVA, Eliane. Uma gota de suor e o universo da Educação Física: um olhar semiótico para as práticas corporais. *Kinesis*, Santa Maria, v. 31, n. 1, p. 91-106, jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/10051/6043>. Acesso em: 12 set. 2020.

BETTI, Mauro; GOMES-DA-SILVA, Pierre N. *Corporeidade, jogo, linguagem: a educação física nos anos iniciais do ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular: educação é a base*. Brasília-DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 26 jul. 2020.

BYSTRINA, Ivan. *Cultura e devoração: as raízes da cultura e a questão do realismo e do não-realismo dos textos culturais*. Palestra proferida no Programa da Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP em 12 out.1990. In: CENTRO INTERDISCIPLINAR DE SEMIÓTICA DA CULTURA E MÍDIA. Disponível em: [https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/BYSTRINA%20Ivan/cultura\\_e\\_devorao.pdf](https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/BYSTRINA%20Ivan/cultura_e_devorao.pdf). Acesso em: 25 set. 2020.

CARMO JÚNIOR, Wilson do. Educação Física e a ciência: qual ciência? *Motriz*, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 44-51, 1998.

CHAUÍ, Marilena. Vida e obra. In: HUSSERL, Edmund. *Edmund Husserl*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 5-12.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. Epistemologia da comunicação: além do sujeito e quem do objeto. In: SEMINÁRIO INTERPROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 3., 2002, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, 2002. p. 1-16.

GOMES-DA-SILVA, Eliane. *Educação física infantil: a experiência do se-movimentar*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

GOMES-DA-SILVA, Eliane. *Movimento e educação infantil: uma pesquisa-ação na perspectiva semiótica*. 2012. 210 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GOMES-DA-SILVA, Pierre. *O jogo da cultura e a cultura do jogo: por uma semiótica da corporeidade*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2011.

GOMES-DA-SILVA, Pierre; SOUSA-CRUZ, Rodrigo Wanderley; ARRUDA, Emerson Pereira de Souza. Entre o lance e a chance: lógica interna numa final de badminton. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 31, n. 58, p. 01-19, abr./jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e56349/40201>. Acesso em: 23 ago. 2020.

GOMES-DA-SILVA, Eliane, SANT'AGOSTINO, Lúcia Helena Ferraz, BETTI, Mauro. Expressão corporal e linguagem na Educação Física: uma perspectiva semiótica. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 4, p. 29 -38, 2005. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1307/1014>. Acesso em: 11 maio 2020.

GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando; BETTI, Mauro; GOMES-DA-SILVA, Eliane. *Semiótica*. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. *Dicionário crítico de Educação Física*. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.p. 603-608.

GREIMAS, Algirdas J.; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1983.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

IBRI, Ivo Assad. *Kósmos\_Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Perspectiva, Hólon, 1992.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Ed. Cultrix, EDUSP, 1969.  
KIRCHOF, Edgar Roberto. Yuri Lotman e semiótica da cultura. *Prâksis - Revista do ICHLA*, Novo Hamburgo, v. 2, p. 63-72, dez. 2010.

MERREL, Floyd. *A semiótica de Charles S. Peirce hoje*. Ijuí: Ed. Unijui, 2012.

NÖTH, Winfried. *A semiótica no século XX: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 1995.

PARLEBAS, Pierre. *Juegos, deporte y sociedad: léxico de praxiologia motriz*. Barcelona: Paidotribo, 2001.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1972.

PEIRCE, Charles Sanders. *Charles Sanders Peirce: escritos coligidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os Pensadores, 36)

PEIRCE, C.S. *Semiótica*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990. (Coleção Estudos, 46).

PIGNATARI, Décio. *Semiótica e Literatura: icônico e verbal, oriente e ocidente*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

PIGNATARI, Décio. *Signagem da televisão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ROMANINI, Vinicius. A contribuição de Peirce para a teoria da comunicação. *CASA - Cadernos de Semiótica Aplicada*, Araraquara, v. 14, n. 1, 2016, p. 13-56.

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, Lucia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa. Subsídios para um retrato de Charles Sanders Peirce. In: PARLATO, E. M.; SILVEIRA, L. F. B. *O sujeito entre a língua e a linguagem*. São Paulo: Lovise, 1997. p. 87-92.

Recebido em: 28 set. 2020  
Aprovado em: 05 abr. 2021

---

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

---

*A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:*

